



## 7. Epigrafia

Sem pretendermos aprofundar muito o tema, pois só as inscrições dariam para escrever uma tese, é, no entanto, importante apresentar algumas características da epigrafia da zona em estudo, pois as epígrafes, para além de nos darem uma cronologia relativa quer para as próprias inscrições quer para os contextos que as rodeiam (quando é possível determiná-lo), ajudam-nos a caracterizar a região do ponto de vista social e religioso.

No total foram catalogados 20 sítios a que correspondem 37 inscrições, sendo uma duvidosa pois não se encontrou rasto da sua existência. Segundo o autor (Mendes Correia), no Padrão (058) teria aparecido uma taça com caracteres ibéricos.

### 7.1 Inscrições votivas

---

Uma das inscrições mais antigas é a que se encontra na Fechadura (018), sendo constituída por caracteres latinos e outros que parecem ser mais arcaicos tendo inclusive uma suástica (Fig. 29). Pelas suas características e pela sua posição no painel de símbolos gravados na Fechadura (sobreposto a um escutiforme que é anterior) poderia ser uma inscrição do século II ou I a.C. Uma outra é composta também por caracteres mistos: dois escalariformes nas pontas e as letras OV no interior. Porém, se fizermos a leitura ao contrário temos 2 escalariformes nas pontas e os signos A invertido e O. A ideia surge do facto de os dois signos interiores existirem no silabário do Sudoeste e Javier de Hoz apresentar escalariformes iguais a estes como signos que aparecem na escrita do Sudoeste, porém sem uma correspondência fonética (De Hoz, 1990, p. 227).

Na mesma laje existem ainda duas outras inscrições: uma é pouco legível, reconhecendo-se um V, vários II e um asterisco. Mais uma vez, a primeira impressão é que se trata de uma inscrição latina, mas se a inscrição for lida de pernas para o ar, muitos destes signos aparecem em silabários hispânicos. A segunda é constituída pela palavra MIITAMVS que Sevillano (1976, p. 228-229), numa palavra que aparece numa rocha também com dois II, considera ser do século I a.C. Porém, na nossa zona existe uma outra inscrição com um MITANI proveniente da Senhora da Moita (121), também de contexto votivo. Na verdade, como tem um A e o N incluso, bem poderia ser MITAMI e no nominativo MITAMVS (Fig. 31-13). Esta inscrição está datada do século I d.C. e é nossa opinião que a da Fechadura deverá ser da mesma altura.

Relacionável com a Fechadura poderá ser um conjunto de MM (Fig. 32-26), muito semelhantes aos M do *Mitamus* da Fechadura e que se encontram um pouco mais a norte (cerca de 7 km), inscritos também na rocha (008). Aqui, parece ter sido um fenómeno geológico (óvulos xistosos) (Fig. 35-20) que terá motivado a sacralização da rocha. Poder-se-ia objectar que, tratando-se de uma via que deverá ter sido utilizada pelo menos durante a Idade Média, senão até tempos mais recentes, eles poderão ser bem mais recentes. Estamos conscientes disso, mas parece-nos que existem semelhanças entre uns e outros e pelo facto de terem sido inscritos numa via atestadamente romana, se não mesmo da Idade do Ferro ou anterior.

De Casas da Ribeira (109), infelizmente sem contexto, é proveniente um fragmento de inscrição inscrito num bloco de grauvaque que parece também ser votiva, apesar de muito

incompleta (Fig. 32-25). O antropónimo começado por ICEA... é raro, sendo o nome do pai (Lovésio) um nome comum na área lusitano-galega.

A conhecida inscrição de Cícero foi por nós associada ao povoado de Nossa Senhora da Confiança (015). Não é que o povoado tenha qualquer vestígio de ocupação romana, como o demonstraram as escavações arqueológicas. No entanto, o contexto de onde provem a inscrição também não apresenta qualquer vestígio romano. A ara em granito (Fig. 32-23) encontrava-se na parede de uma casa, numa zona onde abunda o xisto. A prospecção da área revelou outros materiais como uma coluna e uma base de coluna em aldeias próximas e todas nas cercanias do castro (cerca de 2 km). Sabemos com toda a certeza que a muralha de 7 m de largura do castro foi sendo desmantelada para a construção de casas em diversas aldeias. O próprio monte está cheio de crateras (mini-pedreiras) de exploração do granito. A explicação mais plausível é que os romanos ou os indígenas romanizados, como neste caso, tivessem construído um pequeno templo no topo de um povoado em ruínas. O caso não é inédito, como parece ter acontecido em outros locais.

Em Vale do Souto (012) apareceu uma ara votiva enterrada (Fig. 32-24) e muitos potes que poderão ter um carácter votivo. Foi já aí efectuada uma escavação pelo Dr. Dias Diogo mas ainda não há dados concretos. Poderá tratar-se de um outro santuário? A ser assim, este não estaria associado nem a rochas nem a povoados da altura, dado que o local onde foi encontrado é uma encosta suave. É certo que não se conhece a região em profundidade e o seu conhecimento poderá revelar outros dados para além destes.

A Senhora da Moita, de que foi já referida a inscrição votiva de MITANVS, revelou uma outra a Júpiter Óptimo Máximo. Neste caso, não parece tratar-se de um santuário, pois os dados disponíveis dão conta da existência de vários núcleos de habitação, uma zona de necrópole e um forno. Parece também ter tido ocupação durante o Bronze Final. Neste caso poderíamos estar em presença de uma aldeia indígena romanizada, na qual poderia ter existido ou um pequeno santuário ou um pequeno templo. Talvez a segunda hipótese seja mais consentânea com este tipo de povoamento.

O Vilar da Mó (253) constitui outro mistério. Foram aí encontradas duas inscrições votivas (Fig. 30-5 e 6) nas obras de restauro da capela da povoação. Apesar de a bibliografia referir a existência de *tégulas* e *imbrices* em volta do pequeno morro da capela, o que é certo é que não consegui encontrar nada. Há referência à existência de materiais romanos no vale que lhe fica a sul. Porém, também aí não consegui apurar nada. Face a isto podemos perguntar: estamos em face de um pequeno santuário ou trata-se de uma estrutura tipo vila ou granja, cujos habitantes construíram um pequeno templo onde adoravam os seus deuses? Provavelmente nunca o saberemos. O que sabemos sim, é que mais uma vez se trata de indígenas romanizados, pois os seus antropónimos indígenas são comuns na Lusitânia, aparecendo também na Galiza. O antropónimo TALTICVS aparece em três inscrições e em três estações distintas, todas na área do Tejo. Para além do Vilar da Mó aparece nas Mouriscas e em Alvega.

Da Quinta do Ribeiro da Nata (255) provém o único bastão de comando com uma inscrição, na qual Leite de Vasconcelos leu ALLIANI (Fig. 31-11). Um dado importante, já que reforça o carácter indígena deste tipo de objectos, embora num contexto de plena romanização.

Das Mouriscas provém uma inscrição votiva dedicada a ALVA (Fig. 30-3). O seu dedicante é um romano, filho de um indígena lusitano. Em relação a esta estação (ou melhor dizendo, a um grande número de estações catalogadas), é complicado saber de onde provém as epígrafes. Duas delas apareceram com as obras de remodelação da Igreja Matriz e as outras duas genericamente do Campo das Aldeias. O que é certo é que na área das Aldeias encontram-se registadas quatro estações arqueológicas (198 a 201) e no próprio local da Matriz (202) se encontram vestígios romanos. Por uma questão de operacionalidade, as que foram achadas na Matriz fica-

ram inscritas nesta estação e as outras duas inscrições não se sabe de qual das Aldeias provieram, ficando a bibliografia que fala nelas em todas as quatro fichas respeitantes a Aldeias.

Do Castelo de Abrantes (222), que teve ocupação romana, como é comprovado pelos achados no seu interior, provém uma árula. Do mesmo local deve ser uma outra árula achada na lixeira de Abrantes (227).

Da Pedreira (230) é proveniente também uma árula anepígrafa.

No Mosteiro (013), na frontaria da Igreja Matriz, existe uma árula anepígrafa em mármore com duas colunas laterais. O seu contexto é evidente pois em volta da igreja existem muitos *imbrices* e colocamos a hipótese de aí ter existido uma granja.

## 7.2 Inscrições funerárias

---

Ainda na mesma área e perto da Fechadura, a inscrição da Castanheira (019) (Fig. 32-22), a cerca de 3 km a leste, relaciona-se, na tipologia e na onomástica estranha à Lusitânia, à do Labrunhal Fundeiro (050) (Fig. 32-21), situado a 10 km a sul. Com efeito, ambas começam por STATVA (à imagem de ...) e os antropónimos nelas inscritos são na sua maior parte existentes na área astur-celtibérica da península, aparecendo alguns na Galiza. O material em que foram inscritas também é semelhante: são duas lajes de xisto, a primeira com 1, 80 m de altura e a segunda uma laje com cerca de 1 m de altura. Ambas foram achadas à beira de vias supostamente romanas, cujos rodados e trilhos se puderam confirmar. São, no material em que foram gravadas, no sítio onde foram colocadas e na antroponímia, completamente estranhas à zona.

Junto ao rio Zêzere, o Castro de Dornes (097) revelou uma inscrição cujos antropónimos revelam, apesar da sua simplicidade, uma origem indígena. Leite de Vasconcelos efectuou escavações no local, tendo encontrado um denário de prata da família *Iunia*, para além de cerâmica e materiais do período republicano, mas o povoado tem ocupação desde o Bronze Final.

Um pouco mais abaixo, São Pedro do Castro (099) constitui outro paradoxo, pois pelos vestígios encontrados (colunas e dois capitéis, sendo um deles em mármore) sabemos que deve ter tido um pequeno templo no topo. No entanto, as inscrições encontradas, em número de cinco, são todas funerárias (Fig. 31-15 a 19) e existe ainda um fragmento de uma outra (a parte final) que é semelhante a uma delas. A onomástica reparte-se entre antropónimos indígenas e romanos. São Pedro do Castro representa, aliás, um caso de rara longevidade, já que a datação das suas inscrições vai até meados do século III d.C., representando uma ocupação contínua desde o Bronze Final ao Baixo Império. Apesar da sua notabilidade não se encontrou ainda uma tégula no castro. As camadas de *imbrices* são bem visíveis nos cortes das estradas e aí não se encontra nenhuma. O facto de não estarem visíveis não quer dizer que não existam. Só escavações arqueológicas poderão tirar essas dúvidas.

Junto a Cardigos, o Chão do Pião (111) revelou também uma inscrição funerária (Fig. 31-14). Aí diz-se que Alónio é filho de Lúcio, o que não parece ser muito normal. O que é corrente é indígenas porem nomes romanos aos filhos e não um romano ou romanizado pôr um nome indígena ao filho. Poderá ser possível uma outra leitura da inscrição. Com efeito, na segunda linha só aparecem as duas primeiras letras de Lúcio. O nome também poderia ser LVBAECVS, o que estaria mais de acordo com a condição social de Alónio, que é um antropónimo frequente na área celtibérica e galega.

Junto ao Tejo, na Quinta do Ribeiro da Nata (255), para além da inscrição do bastão, existem quatro funerárias, uma delas num grande bloco rochoso com a palavra SITVS e as restantes todas de indígenas, todos da área lusitano-galega (Fig. 30-8 a 10 e 31-11).

Nas Mouriscas existem também três inscrições funerárias, sendo uma de indígenas e duas de indígenas romanizados. Os seus nomes são frequentes na área lusitana, aparecendo alguns na Galiza e outros na área celta.

Finalmente, da Feiteira (256), sem contexto arqueológico, é proveniente a inscrição de um romano de pleno direito, com a origem assinalada (Fig. 30-7). Este romano, originário de Clúnia, encontra-se aqui desgarrado do resto do contexto epigráfico. Porém, em Três Minas foram encontradas várias inscrições funerárias de clunienses que por sinal se dedicavam à exploração de metais. Na área de onde provém a inscrição foram catalogadas duas minas de filão e há registo da existência de pelo menos mais três. É uma área rica em ouro. Apesar de não se conhecer o povoado mineiro, é provável que este romano dirigisse uma exploração mineira particular naquela área. Será necessário efectuar uma prospecção sistemática para obter dados mais concretos.

Já de uma outra época, mas igualmente funerária, e exemplar único, é a inscrição visigótica do Mosteiro (Oleiros), que como já vimos era um local com ocupação romana. A inscrição é do século VI d.C (Fig. 32-27).

Um caso particular é a Quinta da Baeta (237), onde um fragmento de inscrição com caracteres monumentais quadrados aparece associado a uma estátua romana, no qual alguns autores quiseram ver um fragmento de inscrição honorífica ou votiva. Infelizmente, o fragmento é demasiado pequeno e fragmentado para se poder passar além da mera especulação.

### 7.3 Leitura das epígrafes

---

#### Matriz de Mouriscas (202)

(Fig. 30-2)

TALT[I]CVS / ARCONIS / F(*ilius*). H(*ic*). S(*itus*). E(*st*). S(*it*). T(*ibi*). T(*erra*). L(*evis*).

*Táltico, filho de Arco, está aqui sepultado. Que a terra te seja leve.*

Segundo quartel do século I d.C.

(Fig. 30-3)

M(*arcus?*) IOMĒLI(us?) / CATRO TĀNG/INI F(*ilius*). ALVA / V(*otum*) A(*nimo*) L(*ibens*) S(*olvit*).

*Marco (?) Iomélio (?) Catro, filho de Tangino, cumpriu de livre vontade (a sua promessa) a Alva.*

Século I d.C.

#### Aldeias 1, 2, 3 e 4 (198 a 201)

(Fig. 30-4)

AVITVS. TONGI. F(*ilius*). AN(*norum*). LX (*sexaginta*) / [H(*ic*.)] S(*itus*). E(*st*) / S(*it*). T(*ibi*).

T(*erra*). L(*evis*).

*Aqui jaz Avito, filho de Tôngio, de sessenta anos. Que a terra te seja leve.*

Século I d.C.

(Fig. 30-1)

(*hedera*) DECVMS (*hedera*) / (*hedera*) PLACENTIAE · / · FILIVS (*hedera?*) ANN(*orum*).

XII (*duodecim*). / .H(*ic*). S(*itus*). E(*st*). Sit). T(*ibi*). T(*erra*). L(*evis*). / 5 PLACENTIA. ET.

IVLIA / .FILIO. F(*aciendum*). C(*uraverunt*) (*hedera*)

*Aqui jaz Décumo, filho de Placência, de 12 anos. Que a terra te seja leve. Placência e Júlia mandaram fazer.*

Século I d.C.

■ *Quinta da Baeta* (237)

[...] DE [C ou O] [...] / [...] NI [C ou G ou O] [...] / [...] || [...].  
Século I d.C.

■ *Castelo de Abrantes* (222)

Árula anepígrafa.

■ *Pedreira* (230)

Árula anepígrafa.

■ *Lixeira de Abrantes* (227)

I O [...] / [...] / [...] / VOTV[M]  
Júpiter (?) Máximo (?) ... voto.  
Século I d.C. (?)

■ *Vilar da Mó* (253)

(Fig. 30-5)

AMMINVS / TALTICI (*filius*) / BANDEI [sic] / PICIO / <sup>5</sup> D(e?) .V(oto?) . P(osuit)  
Amino, filho de Táltico, erigiu, por voto, a Banda Pício.  
Primeira metade do século I d.C.

(Fig. 30-6)

CAENO / MATSIFI (?) (*filius*) / SOLVIT  
Ceno, filho de Matsifo (?), cumpriu.  
Século I d.C. (?)

*Feiteira* (256)

(Fig. 30-7)

C(aius) SEMPRONIVS AEBARV[S] / VISCVNOS NI[...] / F(*ilius*) CLVNIE(n)S(is).  
AN(*norum*) X[...] / H(ic) . S(itus) . E(st) . S(it) T(ibi) . T(erra) . L(evis)  
Aqui jaz Gaio Semprónio Ebaro Viscuno, filho de Ni..., cluniense, de ... anos. Que a terra te  
seja leve.  
Inícios do século I d.C.

■ *Quinta do Ribeiro da Nata* (255)

(Fig. 31-11)

BOVDELVS / CONCELTI . F(*ilius*) / AN(*norum*) . LXV (*quinque et sexaginta*)  
Bodelo, filho de Concéltio, de sessenta e cinco anos.  
Primeira metade do século I d.C.

(Fig. 30-9)

TVRANVS / ALVQVI (*filius*)  
Turano, filho de Alúquio.  
Século I d.C.

(Fig. 30-10)

[...] ADORIS . / [TAI?]DI . F(*ilius*) .  
Adoris, filho de Taido?  
Século I d.C.

(Fig. 30-8)  
... IC SITVS ...?  
... *aqui sepultado* ...?  
Inícios do século I d.C.

(Fig. 31-12)  
ALLIANI  
*Aliano*.  
Século I d.C.

Senhora da Moita (121)

(Fig. 31-13)  
CELTIVS / MITANI F(ilius) / FONT(ani) / V(oto) . L(ibens) . S(olvit)  
*Céltio, filho de Mitano, a Fontano, cumpriu o voto de livre vontade*.  
Século I d.C.

IOVI . OPT/VMO . M/AXVMO  
*A Júpiter Ótimo Máximo*.  
Século I d.C.

Chão do Pião (111)

(Fig. 31-14)  
ALLON[IVS] / LV(cius) AN(norum) LXX (septuaginta) / H(ic) S(itus) E(st) / S(it) T(ibi)  
T(erra) L(evis)  
*Alónio Lúcio, de setenta anos, está aqui sepultado. Que a terra te seja leve*.  
Século I d.C.

São Pedro do Castro (099)

(Fig. 31-15)  
D(is) . M(anibus) / ANTONIAE. MĀXVMĀE / ANTONIA . MODESTA. MĀT/ER. ET.  
L(ucius). AVILIVS. CELER / MARITVS. EX. TESTAMEN/TO. F(aciendum). C(uraverunt)  
*Aos deuses Manes. A Antónia Máxima, Antónia Modesta, a mãe, e Lúcio Avílio Celer, o marido, mandaram fazer por disposição testamentária*.  
Século II d.C.

(Fig. 31-16)  
CLEMENS. OPTATI. F(ilius) / AN(norum). II (duorum) OPTATVS. TVRRIO/NIS. F(ilius).  
H(ic). S(iti). SVNT  
*Encontram-se aqui sepultados Clemente, filho de Optado, de 2 anos, e Optado, filho de Torres*.  
Primeira metade do século I d.C.

(Fig. 31-17)  
D(is). [M(anibus). S(acrum).] / C(aio?). A [...] / I. AT[...] / AN[NORVM?] / <sup>5</sup> HE[...] / AV[...]  
/ VX[OR?] / EN[...] / IA[...] / D[...]  
*Consagrado aos deuses Manes. A Gaió? ....., de ..... anos, ..... a mulher .....*  
Século II d.C. ?

(Fig. 31-18)

ANDAMV[S] / ARCONIS SITVS / HOC MAROREM / H[ic?] S[it?] ANNORVM /  
5M. XXX (triginta). CVM. [IG]NATA. MA(ter). SVA / [...] / [...]NO[...] / [...]O[...] / [...] / [...]  
*Andamo, filho de Arco, de 30 anos? e ... meses?, está sepultado neste túmulo?, com a sua mãe  
desconhecida? .....*

Século I d.C.

(Fig. 31-19)

[...] / [PIE]NT[I]S[S]I (/) MAE [POS]V/ERVNT / H(ic) S(ita) [E(st) S(it)] T(ibi) T(erra) L(evis)  
*Aqui jaz ... , modelo de piedade. .... colocaram. Que a terra te seja leve.*

Finais do século I, inícios do II d.C.

#### Telheiro de anexo

*Fragmento de inscrição moldurada anepígrafa.*

#### Castro de Dornes (097)

(Fig. 31-20)

[D(is)] M(anibus) / BOV[IO] / BOV[IA]N[II] / FIL(io) ANN(orum) XXX[?] (triginta) /  
5MA[XI]MA / MA[TE]R / F(aciendum) [C(uravit)]

*Aos deuses Manes. A Bóvio, filho de Boviano, de 30 e ? anos. Máxima, a mãe, mandou fazer.*

Segunda metade do século I d.C.

#### Labrunhal Fundeiro (050)

(Fig. 32-21)

STATVA / CORRONTATE / CIRRISEA · F(ili) / ANORVM / XXXXXXV (sexaginta et  
quinque)

*À imagem de Corrontato, filho de Cirrisea, de 65 anos.*

Primeira metade do século I d.C.

#### Castanheira (019)

(Fig. 32-22)

STATVAE / ALLI / ARREINI F(ili) / ET MOCOSAE / LVBAECI F(iliae) / FILIOR[V]M  
/ SV[O]RVM / NOMINE / STATIT

*À imagem de Álio, filho de Arreino e de Mocosa, filha de Lubeco, seus filhos. Em seu nome  
mandou pôr.*

Primeira metade do século I d.C.

#### Castro de Nossa Senhora da Confiança (015)

(Fig. 32-23)

CICERO / MANCI / NABIAE / L(ibens) · V(otum) · S(olvit)

*Cícero (filho de) Mâncio, cumpriu de livre vontade o voto feito à deusa Nábia.*

Século I d.C.

#### Vale do Souto (012)

(Fig. 32-24)

PRO SAL/VTE·M·I (filii?)·C(oniugi?)·SVI·P(osuit)·

*Pela saúde do seu filho e do marido, mandou pôr.*

Primeira metade do século I d.C.



#### Casas da Ribeira (109)

(Fig. 32-25)

...CON ... / ICEA ... / LOV[...] / FILIV[S] / ...

... *Iceano?*, filho de *Lovesio?*

Século I d.C.

#### Conheira dos Touros (075)

(Fig. 32-28)

M.A.F (sobre uma lança de bronze)

Marco (?) Aurélio (?) Firmo (?)

Século I? d.C.

#### Via Romana de Oleiros (008)

(Fig. 32-26)

Vários M's gravados na pedra sob os rodados da via

#### Mosteiro (013) (

Fig. 32-27)

... MARTIAS RE/QVIEVIT FAMVL... DI / A... IN PACE .. ERA D..LIIII

...*Março repousa em paz flâmula de deus A... Era de Quinhentos...e cinquenta e quatro.*

Século VI d.C.

### 7.4 Distribuição de antropónimos indígenas

---

- **Miitamus, Mitanus (2)** (Fechadura e Senhora da Moita) – área lusitano-galega (apenas ocorre na forma Medamus, a maior parte entre Douro e Tejo);
- **Celtius, Conceltius (2)** (Senhora da Moita e Quinta do Ribeiro da Nata) – área lusitana (a maior parte entre Douro e Tejo);
- **Talticus (3)** – área lusitana (a maior parte na zona do Tejo) (Mouriscas, Alvega e Vilar da Mó);
- **Arco (2)** (Mouriscas e S. Pedro do Castro) – área lusitano-galega (a maior parte entre Douro e Guadiana);
- **Tanginus (1)** (Mouriscas) – área lusitana (a maior parte entre Douro e Tejo);
- **Tongius (1)** (Mouriscas) – área lusitana (a maior parte entre Mondego e Guadiana);
- **Amminus (1)** (Vilar da Mó) – área lusitana (a maior parte na zona de Idanha);
- **Caeno (1)** (Vilar da Mó) – área lusitano-galega (a maior parte entre Douro e Tejo);
- **Matsifus ? (1)** (Vilar da Mó) (sem paralelos, leitura duvidosa);
- **Boudelus (1)** (Qta. do Ribeiro da Nata) – área lusitano-galega (a maior parte entre Mondego e Tejo, o mais aproximado nas formas *Boudica* e *Boudenna*);
- **Turrio, Turanus (2)** (S. Pedro do Castro e Qta. do Ribeiro da Nata) - área lusitano-astur-celtibérica para o radical *Tur* e ao longo do Tejo para *Turrio*;
- **Aluquio (1)** (Quinta do Ribeiro da Nata) – área lusitana;
- **... adorio ? (1)** (Quinta do Ribeiro da Nata);
- **Taido ? (1)** (Quinta do Ribeiro da Nata);
- **Allonius (1)** (Chão do Pião) – área celtibérica e galega. Ligado a uma *gentilitas* (**Allonicum** – região de Cáceres);
- **Andamus (1)** (S. Pedro do Castro) – área lusitana – entre Mondego e Guadiana;
- **Corrontatus (1)** (Labrunhal Fundeiro) – antropónimo de outras zonas;

- **Cirrisea (1)** (Labrunhal Fundeiro) – antropónimo de outras zonas;
- **Arreinius (1)** (Castanheira) (aparece na forma *Arrena*) – área lusitano-astur-celtibérica;
- **Mocosa (1)** (Castanheira) – área astur-celtibérica?;
- **Lubaecus (1)** (Castanheira) – área celtibérica? Lusitana?;
- **Mancius (1)** (Roqueiro, Senhora da Confiança ) (aparece na forma *Mantaus*) – Celtibéria;
- **Allius, Allianus (2)** (Castanheira e Quinta do Ribeiro da Nata) (aparece na forma *Alionus*) – área celtibérica? e Galiza;
- **Lovesius (1)** (Casas da Ribeira) – área lusitano-galega;
- **Bovius, Bovianus (2)** (Castro de Dornes) - área lusitano-galega.

### *Deuses e religião*

- **Alva** (Mouriscas)
- **Júpiter Óptimo Máximo** – Lixeira de Abrantes, Senhora da Moita
- **Banda Pício** – Vilar da Mó
- **Fontano** – Senhora da Moita
- **Nabia** – Roqueiro, Senhora da Confiança
- **Árula anepígrafa** – Pedreira
- **Árula anepígrafa** – Castelo de Abrantes
- **Divindade Indefinida** – Vale do Souto

### *Antropónimos romanos*

- M(*arcus?*) IOMELI(*us?*) / CATRO
- AVITVS
- DECVMVS
- PLACENTIA
- IVLIA
- C(*aius*) SEMPRONIVS AEBARV[S] VISCVNOS
- LV(*cius*)
- ANTONIA MAXVMA
- ANTONIA MODESTA
- L(*ucius*) AVILIVS CELER
- CLEMENS
- OPTATVS
- CICERO
- M.A.F